

o falcão da noite

clive cussler e graham brown

Tradução de José Manuel Lopes



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Elenco de Personagens

EXPEDIÇÃO ESPANHOLA DE 1525

Diego Alvarado — Soldado espanhol e chefe de uma expedição à América do Sul, por volta de 1525, contemporâneo e em competição com Francisco Pizarro.

Costa — Fidalgo e financiador espanhol que custeou a expedição de Alvarado.

AGÊNCIA NACIONAL MARINHA E SUBMARINA (NUMA)

Rudi Gunn — Diretor assistente da NUMA.

Kurt Austin — Diretor da Secção de Projetos Especiais da NUMA, mergulhador e especialista renomado na recuperação de objetos de navios afundados, trabalhou em tempos para a CIA.

Joe Zavala — O braço direito de Kurt, um especialista em mecânica, além de talentoso piloto de helicópteros e pugilista amador.

Hiram Yaeger — Gênio da informática da NUMA, a tempo inteiro, detentor de muitas patentes relacionadas com *design* de computadores.

Priya Kashmir — Assistente de Hiram Yaeger, era suposto ter feito parte de uma equipa de campo da NUMA antes do acidente de automóvel que a deixou incapaz de andar, pelo que se juntou ao departamento de tecnologias informáticas.

Paul Trout — O membro mais alto da Divisão de Projetos Especiais, com mais de dois metros de altura, casado com Gamay. Tem um doutoramento em Ciências Oceanográficas. Calado e estável.

Gamay Trout — Bióloga marinha, casada com Paul, Gamay é uma aficionada de ginástica, uma boa mergulhadora e uma excelente atiradora.

Ed Calaham — Capitão do navio da NUMA, *Catalina*.

AGÊNCIA NACIONAL DE SEGURANÇA (ANS)

Steve Gowdy — Diretor dos projetos extra-atmosféricos da ANS, diretor do programa *Nighthawk*.

Emma Townsend — Ex-cientista da NASA, especialista em Astrofísica, parte integrante do programa *Nighthawk*. Quem trabalha com ela refere-se-lhe como o *Furacão Emma*.

Agente Hurns — Agente de campo da ANS.

Agente Rodriguez — Agente de campo da ANS.

FORÇA AÉREA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Coronel Frank Hansen — Comandante do 9.º Esquadrão de Operações Espaciais, sediado na Base Aérea de Vandenberg, Califórnia.

FEDERAÇÃO RUSSA

Constantin Davidov — Diretor Especial no FSB (Serviço Nacional de Segurança), sucessor do KGB, encarregado pelo Kremlin da recuperação de tecnologia.

Contra-almirante Sergei Borozdin — Velho amigo de Davidov, comandante da primeira frota russa de recuperação de objetos de navios afundados (Pacífico).

Victor Tovarich — Capitão do submarino *TK-17* da classe *Typhoon*.

Major Yuri Timonovski — Comandante e piloto do *Blackjack 2*.

REPÚBLICA POPULAR DA CHINA

General Zhang — Funcionário com a graduação mais elevada do Ministério Chinês de Segurança do Estado.

Daiyu (Jade Negro) — Funcionária especial do Ministério, uma das «crianças que nunca chegaram a nascer».

Jian — Parceiro de Daiyu, também uma das «crianças que nunca chegaram a nascer».

Li Ying — Oficial de ligação, Pequim.

Tenente Wu — Oficial de campo para o Ministério da Segurança do Estado.

Falconer — Nome de código de um ativo anónimo relacionado com o programa *Nighthawk* da ANS.

MS REUNION

Buck Kamphausen — Capitão do navio *MS Reunion*.

PERU

Urco — Arqueólogo que estuda as origens e o desaparecimento do povo chachapoya.

Vargas — Um dos voluntários de Urco.

Reyes — Outro dos voluntários.

WASHINGTON, D. C.

Collin Kane — Especialista em desativação de bombas.

Prólogo

O PONTO DE IGNIÇÃO

AMÉRICA DO SUL
JANEIRO DE 1525

A LANÇA ATINGIU DIEGO ALVARADO NO PEITO. UM DURO E INESPERADO golpe que o atirou ao chão, mas que não atravessou a forte armadura castelhana que ele trouxera de Espanha.

Rolou, posicionou-se, pondo um joelho em terra, e ajustou o arco. Ao detetar movimento entre as árvores, deixou que a seta voasse. Esta atravessou rapidamente a folhagem, desenhando um grito de angústia.

— Nas árvores, à direita! — gritou ele para os seus homens.

Uma nuvem de fumo azul explodiu no carreiro estreito, quando vários mosquetes enormes, conhecidos como arcabuzes, dispararam simultaneamente. Os tiros rasgaram a floresta, cortando pequenos ramos e atravessando rapidamente as folhas de um verde luxuriante.

Uma onda de setas choveu sobre eles em jeito de resposta. Dois dos homens de Alvarado tombaram, e ele sentiu uma picada dolorosa na barriga da perna quando uma seta, com uma ponta de obsidiana, o atingiu.

— Já estamos cercados — anunciou em voz alta um dos homens.

— Mantenham as vossas posições — ordenou-lhes Alvarado. Começou a coxear para diante, em vez de recuar, ignorando a dor e voltando a carregar a arma.

Após uma longa caminhada pelas colinas mais baixas, junto à cordilheira, tinham caído numa emboscada, atraídos para um caminho onde estavam a ser atacados de ambos os lados. Outro grupo de homens poderia

não ter cerrado fileiras sob esse assalto, mas os homens de Alvarado tinham em tempos sido soldados. Permaneceram em formação compacta, como uma muralha, sem desperdiçarem as suas preciosas munições. Alguns desembainharam as espadas, enquanto outros mantinham equilibradas as pesadas armas de fogo.

Os nativos já estavam a reunir-se para voltarem a atacar. Com um grito estridente, investiram por entre as árvores. Invadiram a clareira apenas para serem alvejados pelo trovão espanhol, enquanto uma segunda onda de explosões de pólvora negra fez tremer o ar.

Metade deles caiu, outros voltaram-se e começaram a correr. Apenas dois deles continuaram a atacar. Apressaram-se em direção a Alvarado, investindo através do fumo com rostos escuros, avermelhados, e olhos de um branco cintilante, realçados por listas de pintura de guerra.

Alvarado dizimou o primeiro com o arco, fazendo com que ele caísse logo, porém o segundo atirou-lhe uma lança. A ponta dessa arma rude fez ricochete no peitoral anguloso da armadura prateada de Alvarado. Insensível a essas lâminas demasiado primitivas, atirou-se ao assaltante sem medo. Agarrou nesse homem, balanceou o peso do corpo, e atirou-o ao chão.

Ao cair por cima desse nativo, matou-o com um punhal.

Quando olhou para cima, os outros já tinham fugido.

— Voltem a carregar as armas — gritou ele aos seus homens. — Eles não tardarão a voltar.

Enquanto os homens iniciavam o processo laborioso de carregar as armas com pólvora, Alvarado tentava retirar a seta do índio da barriga da perna. Para ajudar ao processo, enterrou a ponta do seu próprio punhal na perna. Olhou para a mesma e, em seguida, atirou-a fora. Não era nada de novo. Tinham-lhe dito que «esse povo das nuvens» era diferente dos Incas e das outras tribos da zona. Que eram corajosos a combater não havia dúvida, mas não tinham melhores armas do que quaisquer outros nativos. Com nada mais contavam a seu favor além do seu número.

Alvarado deitou algum vinho, que tinha numa garrafa, no ferimento. Ardeu-lhe, mas ajudou a adormecer-lhe a dor e, segundo esperava, talvez limpasse qualquer veneno. Depois, ligou a perna com um pedaço de tecido, vendo o modo como o sangue se espalhava, alastrando desde um ponto central até todo o tecido ficar vermelho.

— Teremos de recuar — observou ele, tentando pôr-se de pé.

— Até onde? — perguntou um dos homens.

— O caminho todo — afirmou Alvarado. — Até ao aldeamento.

Nenhum deles tentou pôr isso em causa. Na verdade, sentiram alívio ao ouvir essa ordem.

Retomaram a formatura e começaram a andar. Alvarado conseguiu fazê-lo durante os dois primeiros quilómetros, mas a armadura pesada e a dor que sentia na perna em breve se tornaram insuportáveis. Um dos homens veio ajudá-lo, segurando nele e içando-o para cima do robusto cavalo de carga, que usavam para o transporte de materiais. Soltaram a correia e deixaram-nos cair. Com um empurrão, conseguiram colocar o chefe espanhol em cima do animal. Ele agarrou-se o melhor que pôde, e todo o grupo continuou a andar rapidamente, descendo a colina, em direção ao local onde tinham acampado.

Após algumas horas, Alvarado e os seus homens chegaram ao aldeamento de onde tinham partido nessa manhã cedo. A noite já tinha caído, mas fogueiras quentes alimentadas pelos soldados que ele aí deixara deram-lhes as boas-vindas.

Um fidalgo, de nome Costa, ajudou o chefe espanhol a desmontar do cavalo. — O que aconteceu? — perguntou, muito impressionado com o ferimento.

Costa era um aristocrata da camada intermédia da nobreza. Aceitara custear a expedição em troca de um terço de todos os tesouros que conseguissem obter. Por que motivo viera com eles era algo que não sabiam, talvez pela aventura ou, o que seria mais provável, para se certificar de que ninguém o enganaria acerca dos lucros. Até então, nada mais fizera senão queixar-se.

— Fomos enganados — disse Alvarado. — Esse povo das nuvens não gosta da nossa presença. Prefeririam matar-nos do que juntar-se a nós, ainda que isso significasse que pudessem ser escravizados por outros senhores.

— Mas... e Pizarro? — perguntou Costa. — Estas são as suas marcas. Ele veio por aqui. Disse-nos que iríamos encontrar aliados.

Alvarado conhecia as marcas de Pizarro. Esse homem, que iria ser o conquistador, gravara inscrições em algumas árvores ao longo do caminho, para que Alvarado e os seus reforços o pudessem alcançar, tal como a sua guarda avançada.

Ele conhecia os planos de Pizarro, pôr os outros nativos contra o grupo que detinha o poder. Funcionara em outros lugares, mas não aqui.

— Deve ter-lhe acontecido alguma coisa — observou Alvarado. — Ou o Francisco foi morto ou...

Não tinha de acabar a frase. Nenhum deles confiava verdadeiramente

em Pizarro. Este continuava a falar em ouro, que ninguém vira ainda, prometendo riquezas ainda por descobrir. Tratava-se de um homem pequeno com grandes sonhos. O governador recusara-lhe fundos duas vezes, quando este lho pedira para a sua expedição e, desesperado, tinha-se finalmente voltado para Costa e para o seu rival, Alvarado.

Embora este não confiasse nem gostasse de Pizarro, acabava por compreendê-lo. Ambos eram farinha do mesmo saco. Eram indivíduos de nascimentos pouco auspiciosos e ambos tinham vindo de Espanha para ganhar nome. Mas tinham sido inimigos meses antes e era inteiramente possível que Pizarro tivesse decidido juntar-se a eles apenas para os conduzir para a morte.

— Teremos de ir já para a zona costeira — sugeriu Alvarado.

Costa ficou com uma expressão doente ao pensar nisso.

— Há alguma coisa de errado na ordem, meu amigo?

— Não — respondeu Costa —, é só que...

— Vá, diz-me o que pensas.

Costa hesitou. — Alguns dos homens adoeceram. Febre, poderá até ser varíola.

Alvarado não conseguia imaginar piores notícias. — Mostra-me.

Costa conduziu-o até à maior das cabanas nativas, feita de lama e de palha, que deveria ter sido um ponto de reunião para a comunidade. Havia lume aceso no centro, cujo fumo saía por um buraco no telhado. Um grupo de soldados de Alvarado estava deitado no chão de terra batida, cada um numa fase diferente de dor.

— Quando é que isto começou?

— Um pouco depois de teres partido em busca de Pizarro.

Sob a luz trémula, Alvarado ajoelhou-se ao lado de um dos homens. Esse soldado pouco mais era do que um miúdo. Estava deitado de costas com os olhos fechados e o rosto voltado para o teto cheio de buracos. Tinha a camisa encharcada em suor, e pequenas feridas vermelhas já lhe tinham começado a aparecer no pescoço, no rosto e no peito. Tinha tanta febre, que estar debruçado sobre ele era como estar à beira de uma fogueira.

— Varíola — observou Alvarado, confirmando o diagnóstico. — Quantos se encontram assim?

— Há oito que já estão atacados. Três não estão tão doentes, mas mal se seguram em pé. Decerto, não poderão caminhar vinte quilómetros até à costa.

Com onze dos seus homens doentes, alguns feridos e dois mortos, a

Alvarado só lhe restava vinte indivíduos que poderiam lutar. — Teremos de os deixar aqui.

— Mas, Diego...

— Estão demasiado doentes para poderem caminhar e muito pesados para que os possamos transportar — insistia Alvarado. — E eles são muito mais do que nós. Consigo contar trinta cabanas à nossa volta, cada uma suficientemente espaçosa para uma grande família. Deveria ter havido mais de duzentas pessoas a viver aqui, antes de Pizarro ter chegado. Mesmo que metade sejam mulheres e crianças, nunca conseguiremos lutar contra eles, e quem nos diz que não haverá outros aldeamentos aliados a este?

Costa considerou de um modo sombrio essa estimativa. — Talvez o Francisco regresse e nos traga ajuda.

— É demasiado tarde para estarmos à espera de que ele nos venha salvar — afirmou Alvarado. — Tu e os outros têm de ir enquanto é tempo.

— *Eu e os outros* — repetiu Costa, desconfiado. — Com certeza, não estarás à espera de aqui ficar...

Alvarado levou uma mão à testa para limpar um rasto brilhante de suor. Poderia ser o calor ou a ferida que tinha na perna, porém suspeitava que talvez fosse a doença que já estava a assolar os seus homens. — Eu só te iria empatar. Ora, reúne os homens e vão para o navio. Naveguem com a corrente até estarem longe da costa, depois rumem a norte e dirijam-se para o Panamá.

Costa ficou a olhar para ele durante alguns instantes e, em seguida, voltou-se subitamente para se ir embora.

Alvarado pegou-lhe no pulso, agarrando-o com tal força que Costa pensou que ele lhe iria partir os ossos. — Paga à minha família o que me deves, ou hei de assombrar-te até ao fim dos teus dias.

Costa acenou afirmativamente com a cabeça. Talvez fosse a única promessa que alguma vez fizera que recearia quebrar.

No momento em que os homens partiram, Alvarado ficou com mais febre. Armara-se com dois mosquetes carregados e com o seu arco de flechas. Aos outros homens, que conseguiam segurar em armas, foram-lhes dadas uma pistola carregada e várias doses de rum.

Com as fogueiras ainda acesas na noite e o fumo a deslocar-se espesso e baixo, esperaram e puseram-se à espreita. Pareceu-lhes um momento interminável, mas, finalmente, os nativos surgiram.

Através de uma fenda na parede esburacada, Alvarado viu-os aproximar-se. Assim que ficaram suficientemente perto, disparou para o grupo que se encontrava mais próximo.

A explosão dispersou-os, mas vieram outros de diferentes direções. Irromperam nas cabanas, vindos de todos os lados.

As pistolas dispararam e alguns nativos caíram, mas a horda correu por cima dos corpos dos seus irmãos dizimados, enquanto outros atravessavam as paredes fracas para se juntarem ao ataque.

Alvarado disparou o segundo arcabuz, matando mais dois nativos, conseguiu atingir o terceiro atacante, com o cano ainda a fumar, mas acabou por cair por terra logo a seguir.

Pegando no seu arco, disparou uma seta para a refrega. Estava a tentar agarrar no punhal quando um machado com uma lâmina de pedra lhe acertou no pulso, cortando-lhe a mão.

Gritou de dor e, instintivamente, agarrou no coto que estava a sangrar. Mas uma seta que lhe atravessou as costas paralisou-o, abafando-lhe o grito e deixando-o estendido por terra, incapaz de se mexer ou de chamar pelos seus homens.

Aí deitado, Alvarado viu os nativos a massacrarem os homens que estavam doentes e moribundos; agredindo-os e esfaqueando-os repetidas vezes. Esse frenesi durou alguns minutos, com sangue, suor e saliva a voarem em todas as direções.

No rescaldo, Alvarado foi aí deixado como morto. À medida que a luz se ia apagando nos seus olhos, viu os nativos a arrastarem alguns sobreviventes para a floresta. Nunca iria saber o que lhes teria acontecido.

Invisíveis no meio dessa carnificina, os minúsculos microrganismos que transmitiam a varíola e o sarampo tinham sido espalhados com cada respiração e com cada salpico de sangue e de saliva. Os nativos desse Novo Mundo nunca tinham estado expostos a eles. Não tinham resistências perante esse inimigo invisível.

Numa semana, muitos dos guerreiros envolvidos no ataque estariam doentes ou a morrer. Dentro de um mês, todo o aldeamento teria sido dizimado. Pelo final do ano, muitas outras povoações também estariam a sofrer e, ao fim de uma década, toda a região estaria subjugada à força da epidemia.

Sem ter sido detetada, a varíola devastaria todo o Império Inca, abriria o caminho para a conquista espanhola e, por fim, exterminaria mais de noventa por cento da população nativa da América do Sul. Todo um continente fora derrotado por uma arma que ninguém conseguia ver.

1



BASE AÉREA DE VANDENBERG, CALIFÓRNIA ATUALMENTE

STEVE GOWDY ESTAVA SENTADO NUM CADEIRÃO CONFORTÁVEL NO ÚLTIMO andar de uma escura sala de controlo na Base Aérea de Vandenberg. O cenário assemelhava-se aos centros de comando da NASA, em Houston e no Cabo Canaveral, mas era mais pequeno e cheio de pessoal militar, em vez de civis.

Gowdy tinha quase 50 anos. Vestia um polo cinzento e calças pretas; o seu cabelo ralo e fino, de um tom acastanhado cor de areia, estava muito bem penteado, mas não conseguia ocultar o couro cabeludo por baixo. Parecia um jogador de golfe pronto para fazer dezoito buracos no clube mais próximo, um visitante numa excursão de um só dia, ou um gestor aborrecido, apanhado numa reunião que parecia não ter fim à vista. Apenas as pequenas rugas que se ramificavam em volta dos seus olhos e o inconsciente tamborilar dos dedos, no braço do cadeirão, sugeriam que ele estava bem atento.

Gowdy não viera a Vandenberg para conhecer as instalações ou para se maravilhar com a tecnologia, mas para dirigir a fase final de uma missão tão secreta que apenas quarenta pessoas em todo o mundo sabiam da sua existência.

O nome do projeto era *Neve Escarlata*, designação que, obviamente, nada queria dizer, mas que tinha um certo tom poético que Gowdy apreciava. Envolvia uma aeronave financiada pela Agência Nacional de Segurança

(ANS) e operada pela Força Aérea e por outros membros do Departamento de Defesa.

Aeronave não seria a palavra mais exata, continuava ele a dizer a si mesmo. O *Nighthawk*, o *Falcão da Noite*, era um veículo híbrido, parte aeronave, parte nave espacial. O último numa longa linha de veículos aéreos que descendiam do vaivém espacial. Era o engenho mais avançado que alguma vez voara, e estava finalmente a voltar para a Terra, após ter estado em órbita durante três longos anos.

Uma grande tempestade, que se estava a formar sobre o Pacífico, fizera com que a ANS antecipasse a sua reentrada por mais uma semana, contudo, tirando isso, tudo se passara de acordo com o que estava planeado.

Observando a reentrada em direto, Gowdy olhava fixamente para os enormes ecrãs de alta-definição que constituíam a parede da frente da sala. Um deles mostrava uma coluna de números e símbolos que, na verdade, nada significavam para ele, exceto que todos mantinham uma cor verde.

Um segundo ecrã mostrava um gráfico com uma linha que mergulhava a pique desde o canto superior esquerdo, até se nivelar a meio, para depois continuar a descer para o lado direito. Com o título *Perfil de Descida do Nighthawk*, esse gráfico tinha algo que ver com a altitude, velocidade e distância da aeronave. Mas Gowdy mantinha a sua atenção focada no ecrã central, onde um mapa global por satélite mostrava o Oceano Pacífico e as costas oeste da América do Norte, Central e do Sul.

Os ícones que representavam o *Nighthawk* e as linhas que traçavam a sua trajetória estavam desenhados com cores vivas. Porque essa aeronave voava numa órbita polar pouco usual, o percurso de reentrada tinha origem algures sobre a Antártida, cortando através do globo num ângulo diagonal. Voara já por cima da Nova Zelândia, passando para leste por menos de cem milhas e, desde aí, desenhara uma linha sobre as Ilhas Cook e sobre o Taiti. Passou a sul do Havai e a sua projeção continuava em direção a Vandenberg e aos altos desertos da Califórnia. Ainda teria de percorrer vários milhares de milhas, mas, viajando acima de cinco mil milhas por hora, não iria demorar quarenta minutos até aterrar.

Um aviso ecoou através do sistema de altifalantes, conhecido como «repetidor». — O veículo já saiu de *Max Q* — anunciou uma voz anónima. — Escudo térmico seguro. Temperaturas a baixar.

Max Q. Esse era um termo que Gowdy conhecia. *Um ponto perigoso — o ponto de máximo stress aerodinâmico sobre a aeronave. Um ponto onde*

qualquer fragilidade ou dano poderia resultar numa falha estrutural e na perda da aeronave.

Ouvir que o *Nighthawk* já estava livre de *Max Q* diminuiu um pouco a ansiedade de Gowdy. Muitas coisas poderiam ainda correr mal, catastroficamente mal, mas o maior obstáculo já fora ultrapassado.

Relanceou a fila do meio da sala, disposta em anfiteatro. Essa zona era o domínio do diretor de voo. Neste caso, um coronel da Força Aérea chamado Frank Hansen. Um veterano de 30 anos, com olhar inflexível — antigo aficionado de luta livre e piloto de testes, que sobrevivera a um acidente aéreo, que se ejetara duas vezes de aviões, e que era agora chefe do 9.º Esquadrão de Operações Espaciais.

Hansen voltou-se, estabeleceu contacto visual, e acenou afirmativamente com a cabeça. Até aí, tudo bem.

Entre todos os controladores, especialistas em sistemas e peritos, Hansen era o único homem nessa sala (além do próprio Gowdy) que percebia bem o risco monumental que eles estavam a correr. E, se Gowdy o avaliara bem, Hansen estava igualmente nervoso.

Este pressionou o botão do intercomunicador. — Deem-me uma atualização do estado das coisas — pediu, com a sua voz calma.

Mais abaixo, no nível inferior da sala, os controladores de sistemas individuais entraram em ação. Cada um deles tinha uma coisa com que se preocupar: orientação, telemetria, propulsão, etc. Tal como a fila da frente de uma sala de cinema, a posição em que observavam o ecrã principal pressupunha que estavam sempre a torcer um pouco o pescoço, mas, dado que cada informação de que necessitavam aparecia nos monitores mais pequenos, mesmo em frente deles, raramente olhavam para cima até terem terminado as suas tarefas.

Gowdy acomodou-se melhor no assento e pôs-se à escuta, à medida que a torrente de respostas surgia no repetidor, com um dedo ainda a tamborilar.

- Acionar telemetria.
- Acionar eletricidade.
- Acionar controlo.

E assim por diante, cada homem ou mulher a relatar, confirmando boas notícias, até todos os controladores terem feito o seu breve relatório, exceto um.

Seguiu-se uma estranha pausa. Mais abaixo, Hansen esperou, e depois pressionou o botão do seu transmissor. — Orientação, qual o vosso estado?

Não houve resposta.

— Orientação?

A sala ficou tremendamente silenciosa. O dedo de Gowdy parou de tamborilar. Nunca houvera um atraso em nenhuma das simulações, nem sequer de uns quantos segundos. Levantou-se e olhou por cima do corrimão para a fila do fundo, onde o controlador de orientação estava sentado.

Um jovem aviador, com o cabelo à escovinha, estava a trabalhar furiosamente, a inserir dados e a teclar informações, mudando de ecrãs.

— Orientação? — gritou Hansen. — Preciso de uma resposta.

— Não há problema com a orientação — respondeu finalmente o aviador —, mas estamos com um atraso na repetição.

Como o *Nighthawk* era uma aeronave sem piloto, controlada remotamente desde Vandenberg, o sistema fora desenhado para repetir cada instrução para o centro de controlo antes de executar qualquer manobra, quase do mesmo modo como um piloto repetia as instruções a um controlador de tráfego aéreo, para se certificar de que todos estavam em sintonia.

Gowdy pressionou o seu próprio botão no intercomunicador, que o ligava, de um modo privado e direto, a Hansen. — O que é que está a acontecer? O que quer isto dizer?

— Um atraso na repetição poderá ser qualquer coisa — retorquiu Hansen. Este falava com uma indiferença treinada. — Poderá ser um problema de processamento da ordem, um erro da nossa parte, ou até...

Antes que mais alguma coisa fosse dita, o controlador de telemetria afirmou: — A telemetria já está a amarelo. Há um sinal intermitente.

No grande ecrã com números, duas caixas tinham começado a acender e a apagar alarmes amarelos; uma terceira começou a fazer o mesmo, mas a vermelho.

— Detetado desvio de rota — afirmou o controlador de rastreamento. — Dois graus para sul e a fazer uma curva... Cinco graus e a fazer uma curva...

Gowdy sentiu um aperto na garganta. Voltou a ligar para Hansen. — O que é que está a acontecer?

Hansen estava demasiado ocupado para lhe responder, e Gowdy voltou a olhar para o ecrã. A linha de percurso do *Nighthawk* que aí se projetava começou a descrever uma curva, inclinando-se para a direita, desviando-se da Califórnia e aproximando-se da América Central.

— Onze graus para sul e ainda a fazer uma curva — informou o controlador de orientação. — Velocidade a abrandar, descida interrompida. A altitude mantém-se nos noventa mil.

Gowdy mal podia acreditar no que via. Em vez de descer, tal como fora planeado, o *Nighthawk* estava a voar paralelo ao solo, a noventa e um mil pés de altitude, e a perder velocidade devido a isso. Dado que a aeronave, nesse momento, era apenas um planador, era imperativo que mantivesse o devido perfil de descida; se assim não fosse, iria perder tanta velocidade que já não seria capaz de chegar à Califórnia.

Gowdy sentiu as pernas a tremer. Agarrou no corrimão à sua frente, enquanto introduzia a outra mão no bolso, em busca de uma chave.

— Voltem a emitir os comandos de direção! — gritou Hansen, bruscamente.

— Sem efeito — informou o controlador.

— Reiniciem o programa de comandos.

— Reiniciação programada... Esperem.

Gowdy desceu as escadas até ao nível de Hansen e manteve a sua posição. Estava agora a suar, com as mãos a tremer, segurando a chave que ele esperava nunca ter de usar.

Como é que tudo poderia estar a correr mal agora? Uma década de pesquisa e três anos no espaço. Como é que todo esse esforço poderia estar a falhar mesmo ao fim?

— Vinte e um graus para sul — disse o controlador de orientação. — A altitude ainda se mantém a noventa e um mil pés, mas a velocidade está a abrandar para quatro mil.

— O que é que está a acontecer? — gritou Gowdy para Hansen, já sem se importar com o intercomunicador nem sequer fingir a aparente calma.

— Perdemos o controlo.

— Isso consigo eu ver — respondeu Gowdy. — Mas porquê?

— Será impossível dizê-lo — disse Hansen. — Parece tratar-se de uma constante curva para a direita. Poderá haver danos na asa ou no estabilizador vertical. Porém, isso não explicaria os problemas de telemetria ou o atraso na repetição dos comandos.

Gowdy começou a mexer na chave que tinha no bolso, rodando-a sem parar na mão. Era a sua responsabilidade abortar essa missão se a mesma se tornasse perigosa; a decisão era sua. Agir com antecedência antes de ter desaparecido toda a esperança seria um erro, mas agir demasiado tarde... poderia ser um desastre.

Ele avançou, invadindo o espaço pessoal de Hansen. — Põe-me esta maldita coisa no bom caminho.

Hansen passou por ele, quase fazendo com que Gowdy caísse num assento. Os dois homens nunca tinham gostado um do outro. Hansen achava que Gowdy não sabia o suficiente acerca de Física e de Astronáutica, e Gowdy pensava que o coronel da Força Aérea era arrogante e condescendente no que respeitava à autoridade. Os superiores tinham exigido que eles se dessem bem; tal arranjo funcionara durante uns tempos, mas não agora.

— Dados do transmissor-recetor intermitentes — afirmou o controlador da telemetria. — Estamos a perder o sinal.

— Reiniciem o transmissor-recetor — gritou Hansen. — Se este se avariar, perderemos o controlo do veículo. Não está coberto pelo radar primário.

Gowdy sentou-se, sem se mexer. Sentiu o corpo dormente e ia ouvindo essa troca desesperada de palavras como se estivesse em transe. Não importaria se estivessem cobertos pelo radar, o *Nighthawk* fora desenhado com uma cobertura furtiva completa. Ao contrário de outras aeronaves, tinha uma cor preta, invisível para os telescópios. Estava revestido com o mais avançado material absorvente de radar alguma vez concebido.

Olhou para cima. O veículo estava agora a descrever um traço em direção à costa da América do Sul, a três mil e quinhentas milhas por hora. A sua curva estava a esbater-se e a velocidade continuava a baixar. O seu caminho máximo de deslizamento, marcado no mapa por um círculo cor de laranja sombreado, estava a diminuir a cada segundo e a dirigir-se para sul. Já nem sequer alcançava os EUA.

Gowdy sabia o que tinha de fazer. Já não havia qualquer razão para esperar.

Retirou a chave vermelha do bolso e inseriu-a numa ranhura no painel à sua frente. Com uma volta da chave abriu-se um compartimento mesmo por cima da mesma e um pequeno pedestal elevou-se até ficar trancado. Esse pedestal tinha riscas amarelas e negras. No centro, sobressaía um botão vermelho protegido por hastes de metal elevadas que impediam que o mesmo fosse pressionado acidentalmente.

Gowdy olhou para o ecrã. Estavam agora a obter dados errados acerca da posição, que indicavam que o *Nighthawk* estava, simultaneamente, em vários sítios diferentes. As respostas acendiam e apagavam, mas a linha

principal continuava a dirigir-se para sul, direita às Ilhas Galápagos, com a costa do Equador ao fundo.

— Reinício da orientação completado — informou o controlador.

— E?! — perguntou Hansen.

— Não há resposta.

— Muito bem — murmurou Gowdy. Deu uma volta à chave para a direita e o botão vermelho iluminou-se.

«Autodestruição ativada» anunciou uma voz de computador.

Soltando a chave, Gowdy alcançou o botão.

Uma mão firme impediu-o, agarrando-lhe o pulso e desviando-o.

Hansen estava ao seu lado. — Será que endoideceste? — rugiu o coronel da Força Aérea.

— Está a desviar-se da rota — esclareceu Gowdy. — Não poderemos permitir que se venha a despenhar numa área povoada, há demasiados riscos e o pior poderá vir a acontecer.

Hansen continuava a agarrar no braço de Gowdy. — *O pior* já aconteceu. Aconteceu no momento em que voltámos a introduzir o *Nighthawk* e a sua carga na atmosfera. Destruí-lo agora apenas irá desencadear a catástrofe.

Gowdy pestanejou, confuso. Sentia-se atacado por uma vertigem. Não estava mesmo a perceber. Mas era sobre isso mesmo que Hansen se tinha vindo a queixar. A ciência estava para além da sua compreensão.

O *Nighthawk* desapareceu subitamente do ecrã. O gráfico que mostrava o seu perfil de descida deixou de se ver, e todos os números no ecrã mais distante se imobilizaram e começaram a acender e a apagar com uma luz vermelha.

— A telemetria falhou — informou outro controlador com uma certa frieza. — Perdemos o contacto com o *Nighthawk*.

Ouviu-se um murmúrio através da sala — soava a medo. Gowdy olhava fixamente para o ecrã, à espera e com esperança de que a linha de rota voltasse a aparecer. Sentou-se em silêncio, à medida que uma série de tentativas de restabelecer a ligação entre Vandenberg e a aeronave iam falhando.

Por fim, um novo número surgiu no ecrã, iniciando-se rapidamente uma contagem decrescente.

— O que é isso? — perguntou Gowdy.

— Tempo de interface de superfície — esclareceu Hansen, com uma sombria honestidade. — Trata-se do tempo máximo que o *Nighthawk* se poderá manter no ar antes de atingir a altitude zero.

O número continuava a descer sem piedade, passando dos minutos para os segundos, para depois parar implacavelmente a 0:00:00.

— E agora? — perguntou Gowdy.

— Deem-me a cobertura de satélite em tempo real — ordenou Hansen.
— Grande-angular. Pacífico Sul e oeste da América do Sul.

Os controladores executaram esse pedido. Ninguém perguntou porquê.

Uma a uma, as imagens através de satélite foram surgindo. Gowdy olhou fixamente para esse cenário de paz. Nuvens flutuavam por cima do Pacífico. A costa oeste da América do Sul rodava como um sereno carrossel.

Tudo parecia calmo.

— O que procuras? — perguntou Gowdy.

O severo coronel da Força Aérea olhou para o burocrata da ANS, que tivera de aturar durante tanto tempo, e respirou fundo, mais de alívio do que de frustração.

— Uma vez sem um comando do solo, o *Nighthawk* entrará num modo autónomo, pensando por si mesmo. Logo que determine a sua própria posição e compute que não poderá atingir Vandenberg, a aeronave iniciará procedimentos de descida, abrandará até obter uma velocidade apropriada e depois aterrará em segurança... usando um paraquedas.

— Como é que sabes se não estará já completamente avariado? — retorquiu Gowdy, tentando reafirmar a sua aura de autoridade. — Como é que sabes que o sistema de autoaterragem não falhou como tudo o resto?

— Porque ainda estamos aqui — ripostou Hansen.

Demorou algum tempo, mas Gowdy começou a perceber. Olhou para cima, para a imagem do satélite em tempo real e para todas as coisas normais que o mesmo mostrava. — Quanto tempo ainda temos?

Hansen fez um cálculo mental rápido. — Sete dias — disse ele. — Menos, se as células de combustível, os painéis solares ou as baterias estiverem danificados.

Gowdy voltou-se de novo para o ecrã e para a imensa vastidão do Pacífico Sul. Sete dias para esquadrihar todo o oceano e encontrar uma agulha num palheiro aquático. Sete dias para descobrir e desarmar uma bomba que poderia fazer tremer os próprios alicerces da Terra.

2



KOHALA POINT, HAVAI

KURT AUSTIN ESTAVA EM CIMA DE UMA PRANCHA DE *SURF*, NAS ÁGUAS tropicais, a um quilómetro do farol de Kohala, na Grande Ilha do Havai. O forte sol do Pacífico aquecia-lhe a pele bronzeada e as ondas rolavam por baixo dele a um ritmo constante. Tinha os músculos tensos e a mente calma, enquanto observava uma vaga de quatro metros e meio a elevar-se em direção à praia, para depois se enrolar perfeitamente e começar a rebentar da esquerda para a direita.

Uma espuma branca deslizava pelo topo dessa onda, correndo para apanhar o surfista que deslizava sobre ela. Porém, ele conseguiu manter a velocidade, voltou-se e acelerou em direção à praia, mesmo antes de a crista ter surgido e rebentado por trás dele.

O poder absoluto da onda deu azo a um eco de trovão, ao bater nos rochedos de lava no lado sul da praia. Havia um timbre nessa sinfonia. — Poderia ouvir esse som para sempre — admitiu Kurt.

— Isso é porque você é um *Kaikane* — observou um surfista ao lado dele, com um distinto sotaque havaiano. — *Nascido do mar*.

Kurt olhou para a sua direita, onde um corpulento homem havaiano se encontrava em cima de uma prancha curta. As tatuagens de estilo polinésio, nos braços e no peito, quase se assemelhavam ao padrão pintado na prancha. Tinha cabelo negro desgrenhado, um sorriso afável e um rosto suave. Chamava-se Ika, mas todos lhe chamavam Ike.

Kurt sorriu. — Talvez tenha acertado em cheio.

Presentemente, com 30 e poucos anos, Kurt Austin crescera no noroeste do Pacífico onde passara grande parte do tempo a passear de barco, a pescar ou a nadar. Os anos que dispendera a trabalhar no negócio do seu pai, que consistia em reaver bens afundados, implicaram que ele aprendesse a mergulhar quando era ainda muito novo. Passara, desde então, incontáveis horas dentro de água, de início a trabalhar com o pai, antes de um período na Marinha e alguns anos com uma unidade especial da CIA, que se dedicava à recuperação subaquática e à engenharia.

Desde que deixara essa organização, estivera com a NUMA¹, a Agência Nacional Marinha e Submarina, um ramo do governo federal dedicado à exploração, estudo e preservação dos oceanos.

Estranhamente, quanto mais progredira no seu percurso, mais tecnologia se tinha intrometido entre ele e a água. O mergulho normal deu lugar a fatos de mergulho simples e, em seguida, a fatos isotérmicos. Essas camadas deram lugar aos escafandros das unidades de mergulho em profundidade, que o protegiam como a um astronauta submarino. Na maior parte do tempo, usava agora submergíveis, fossem unidades robóticas, pilotadas a partir da superfície, ou submarinos tripulados, pressurizados e aquecidos, suficientemente confortáveis para neles se poder andar de calções e *t-shirt*. Assim, após ter terminado um projeto em Oahu, Kurt decidira entrar de novo em contacto com a água e com os ritmos do mar.

Estar no Havai queria dizer que podia surfar e, durante algumas semanas, Kurt não poupou esforços para lidar com ondas maiores e mais velozes, com um desejo inflexível de se aperfeiçoar.

Após várias semanas, já era quase tão bom como os guias locais com quem acabou por travar amizade. Tinha a pele tão bronzeada que poderia passar por um havaiano, não fosse o seu cabelo platinado.

— O ritmo do mar está a mudar — observou Ike, voltando-se e olhando para trás deles. — Será que o consegues sentir?

Kurt acenou afirmativamente com a cabeça. — As ondas estão a vir mais depressa, mais juntas.

Havia uma tempestade ao largo. Estava para lá do horizonte, mas começava já a adquirir a força de um ciclone. As ondas, que o mesmo começava a empurrar, já se estavam a alinhar.

— Em breve, o mar irá ficar demasiado revolto para se surfar — observou Ike.

¹ Acrónimo de National Underwater Marine Agency. (N. do T.)

— Então o melhor é aproveitarmos enquanto é tempo — sugeriu Kurt. Deitou-se em cima da prancha e começou a remar com os braços até à zona de rebentação.

Ike fez o mesmo e ambos ficaram mais perto da costa, aumentando o ritmo e distanciando-se um do outro. Uma enorme vaga após outra rolou por baixo deles, até Kurt se dar conta de uma onda monstruosa, a maior desse dia.

Essa era a onda que ele pretendia, a que transportava nela a mesma quantidade de perigo e de poder. Começou a remar mais rapidamente com os braços, a trepar a onda, até se apoiar num joelho. Pôs-se de pé e voltou-se mesmo a tempo, baixando-se e acelerando, no preciso momento em que a crista da onda se começava a encaracolar.

Ike estava à sua frente, já a abrir um trilho branco na água, como se a sua prancha estivesse a ser impelida por foguetões. Kurt cortou através da onda atrás dele, e não pôde evitar um sorriso devido ao sentimento incrível que o invadia, como se se tivesse aproveitado do poder do próprio mar.

Acelerando pela parte da frente da onda e cortando à esquerda, conseguiu ficar mesmo acima do topo encaracolado que estava a formar um largo tubo atrás dele. Baixou a mão e passou os dedos pela água, retrocedendo até tudo o que via à sua volta ser um túnel de um azul translúcido, uma folha de vidro líquido.

A onda rugia, qual ente vivo, e começou a aproximar-se dele deixando-o entre a espada e a parede. Mesmo quando já estava prestes a esmagá-lo, Kurt conseguiu desviar-se e voltar a deslizar rapidamente para o espaço aberto.

Viu Ike em frente dele, um pouco mais ao longe, e um outro surfista que tinha apanhado a mesma onda. Estavam a manobrar demasiado perto um do outro e Ike teve de reduzir a velocidade. A sua curva era suficientemente aguda para evitar contacto, mas o outro surfista foi dominado pela velocidade e pelo poder da onda que rebentava, e afundou-se.

Kurt descreveu uma curva para o evitar, contudo, nesse momento, o mar surpreendeu-os a todos quando a onda se levantou e se fechou ao mesmo tempo.

Toda a parte dianteira se desfez em simultâneo, uma mudança das longas vagas em forma de tubo de que eles tinham estado a desfrutar. Uma montanha de água abateu-se sobre os ombros de Kurt, arrancando-o da prancha e empurrando-o para o fundo.

Foi sugado até uma grande profundidade, batendo com toda a força na

areia. Um afloramento de rocha vulcânica provocou-lhe um corte no braço, e sentiu a trela, ligada em torno do tornozelo, a partir-se no instante em que a prancha era arrastada para longe.

Essa enorme vaga mantinha-o submerso, mas a sua experiência de mergulhador evitava que sentisse pânico. Tentou firmar-se, à medida que a contracorrente submarina voltava e que o sedimento, que girava em volta dele, clareava o suficiente para que conseguisse ver a luz que vinha de cima. Fincou os pés e empurrou-os contra o fundo.

Ao chegar à superfície, Kurt olhou imediatamente em volta. Outra onda parecia estar a desabar sobre ele, e a sua prancha tinha sido empurrada para os baixios e cuspidada para a praia. Ike também estava nos baixios, tentando pôr-se em cima da prancha e remando com os braços desesperadamente para voltar para a água mais profunda.

Kurt em breve se deu conta da razão pela qual ele o fazia: não se via o outro surfista em lado algum. Tinha-se afundado e ficara submerso.

Kurt respirou fundo e mergulhou no instante em que a onda seguinte rebentou em cima dele. Sentiu o correr da vaga a levantá-lo e depois a largá-lo, como se ele não passasse de mais um contratempo. Ouvia o rugido silenciado da vaga, a rebentar por cima dele, e lutou para tentar ver através da areia que explodia e se apressava agora na sua direção.

Na escuridão, vislumbrou um relâmpago de cor, amarelo e vermelho, escurecido pela tonalidade da água e desfocado pelas limitações da visão humana por baixo de água. Começou a dar às pernas e usou os braços em poderosas braçadas, avançando, até conseguir agarrar na prancha do surfista. Esta estava firmemente presa na fenda de uma rocha vulcânica. Tateando a prancha, Kurt encontrou a trela e usou-a para puxar para ele o surfista inconsciente, abrindo o elo de velcro que o prendia.

A contracorrente voltou. A próxima onda estava a avançar. Puxou o débil surfista para si, empurrou os pés contra o fundo uma vez mais, e emergiu para lá da crista da onda.

Nadou então para terra; a próxima vaga rebentou atrás deles, atirando-os para a frente numa explosão de espuma e salpicos.

Assim que chegaram aos baixios, vários outros surfistas apressaram-se para os vir ajudar. Pegaram no homem inerte, pelos braços e pelas pernas, e pousaram-no na areia.

Ike ajudou Kurt a pôr-se de pé e a vir para a praia, onde ficou de mãos nas ancas, respirando tanto oxigénio quanto os seus pulmões permitiam. — Ele está bem?

Um pouco mais à frente, o outro surfista estava deitado de lado, a tossir e a cuspir água. Um dos homens que estava com ele acenou afirmativamente com a cabeça.

Ike sorriu com ironia, levantando a ponta partida da trela de Kurt. — Olhe para isto, conseguiu partir a trela. Agora já é um *verdadeiro* surfista das grandes ondas.

Ike riu da sua própria piada e deu um empurrão amigável a Kurt.

— Não era bem assim que eu queria que o percurso acabasse — observou Kurt. — O que se passou com aquela onda? Tudo parecia estar bem, e depois...

Ike encolheu os ombros. — Cada onda é diferente, meu amigo. Faz parte do território. *Moana* deixa-nos brincar, mas, uma vez por outra, lembra-nos: *Sou perigosa. Sou imprevisível. Um dia atiro-me a ti. E, nesse momento de verdade, irás dar-te conta de que não me conseguirás controlar. Ver-te-ás à minha mercê e apenas eu irei decidir se te prendo ou liberto.*

Kurt apreciou a poesia da mensagem, o suficiente para não a pôr em causa, limitando-se a acenar respeitosamente com a cabeça e a voltar a olhar para o mar. As ondas eram cada vez maiores, a tempestade estava a aproximar-se. *Moana, hoje, não ia deixá-los brincar mais.*

Um grito, vindo da parte de cima da praia, interrompeu-lhe o devaneio. — Kurt Austin — chamava uma voz.

Havia um tom oficial nesse chamamento claro e distinto. Um tom muito fora de contexto numa praia com tanto sabor local.

Kurt levantou os olhos e viu um homem a descer uma estrada. Estava de calças pretas, sapatos formais e camisa branca. Tinha ancas e ombros estreitos, mas caminhava muito determinado e direito, como se tivesse engolido um garfo. Saía de um SUV branco, estacionado na estrada, um pouco mais acima.

— Kurt? — gritou o homem, aproximando-se mais.

Ike intrometeu-se. — Eu não lhe responderia, se estivesse no seu lugar — sugeriu, por entre dentes. — Parece-me alguém saído da série *Hawai: Força Especial*.

— Quem me dera — retorquiu Kurt. Ele reconhecia um funcionário do governo quando via um. — Rudi Gunn — disse ele, estendendo a mão para o responsável número dois da NUMA. — Não sabia que estava na ilha. Tê-lo-ia convidado para vir surfar comigo.

— Só cheguei há algumas horas — disse Rudi, apertando a mão a Kurt —, mas tendo em conta o fracasso a que acabei de assistir, terei de

considerar quaisquer convites futuros como parte de um plano para se ver livre de mim e ficar com o meu emprego.

— Ter de lidar com papelada, dias a fio? Não, muito obrigado. O que faz por aqui?

— Tenho estado a tentar contactá-lo — respondeu Rubi. — Devo ter deixado uma dezena de mensagens no seu telefone.

— Telefones e *surf* são coisas que geralmente não se misturam — observou Kurt. — Qual é a emergência?

— E quem falou numa emergência?

Kurt olhou para ele de um modo cético.

— Pois bem — continuou Rudi. — Talvez haja uma emergência, caso contrário não me teriam dito para o vir buscar, mas eu não sei do que se trata. Tive a sorte de o homem que estaciona os carros no seu hotel se ter lembrado de o senhor ter carregado uma prancha de *surf* até aqui.

— Esse rapaz acabou de perder a gorjeta — disse Kurt.

— Ele não se importará depois do que eu lhe paguei, acredite — esclareceu Rudi.

Kurt sabia que estava na altura de partir. Olhou para o surfista que tinha retirado do mar. O rapaz estava agora a sorrir e fez um sinal de *hang-loose*²: um rodar do pulso com o mínimo e o polegar estendidos.

Kurt fez o mesmo gesto e depois voltou-se para Ike. — O mar não é a única coisa que é imprevisível. Tenho impressão de que vou ter muito que fazer...

Pôs uma *t-shirt* preta por cima dos ombros e agarrou na mochila que trouxera com ele. Ao subir o caminho em direção ao SUV, fez a pergunta óbvia: — Então, que me pode dizer? Agora que já ninguém nos ouve.

Gunn abanou a cabeça. — Apenas o óbvio — respondeu ele —, que não podemos perder tempo.

Kurt achou que Rudi sabia mais do que isso, mas que estava a ser reservado como qualquer elemento da NUMA. Ser o número um da turma em West Point costumava vir com esse tipo de autodisciplina. — Não me parece que tenha tempo para tomar um duche e mudar de roupa...

Gunn abanou a cabeça. — Não, não me parece que tenha.

² Sinal usado tipicamente por surfistas, em jeito de saudação. (N. do T.)

3



RUDI GUIOU ATÉ AO PEQUENO AEROPORTO DE UPOLU, NA PONTA NORTE DA ilha. Um brilhante *Gulfstream* turquesa já estava à espera deles sobre o asfalto, com os motores a trabalhar. Tratava-se de um avião da NUMA, um que Kurt reconheceu logo como sendo um modelo de longo alcance.

Esse avião foi posto em funcionamento assim que Kurt e Rudi se sentaram nele. Momentos mais tarde, já estavam a deslizar a toda a velocidade pela pista. Após uma longa descolagem, o *Gulfstream* trepou pelos céus e seguiu em direção a leste.

Enquanto iam subindo, Kurt olhou pela janela. Ao longe, viu as nuvens negras da depressão tropical que enviara as grandes vagas que tinham assolado a costa. Depois de ter levantado imaginariamente o chapéu a essa tempestade, voltou a focar a sua atenção em Rudi.

De todos os homens da NUMA, Rudi era o que mais se assemelhava a um enigma. Agora, com 40 e muitos anos, não perdera nada da energia e da precisão que tanto o caracterizavam. Fogoso, mas extremamente reservado, Rudi conseguia ser jocosos e divertido, sem nunca baixar a guarda. A sua mente estava sempre em movimento. Mesmo agora, quando se sentava em silêncio a pensar no que quer que fosse que em breve iriam discutir, Kurt sentia que Rudi estava a planear, a coordenar e a reorganizar as coisas. Ele era um génio da logística com um dom para preparar o que quer que fosse pela ordem mais eficiente.

Kurt não o incomodou. Passaram-se vinte minutos até eles começarem a falar. — Será que iremos ver em breve uma hospedeira? Estou mesmo a precisar de uma bebida.

— Sabe bem que já não é permitido álcool a bordo nos aviões da NUMA — afirmou Rudi.

Kurt riu baixinho. *De acordo com as normas, como sempre.* — Estava a pensar numa garrafa de água ou numa *Coca-Cola* bem fresca.

— Oh — disse Rudi. — Desculpe, mas terá de ser você a encarregar-se disso — informou-o, apontando para um frigorífico.

Kurt desapertou o cinto de segurança e dirigiu-se ao pequeno frigorífico. Abriu-o e retirou duas garrafas de *Coca-Cola* da parte de trás, onde estariam mais geladas. Vidro e não plástico, e reparou nas pequenas letras da etiqueta. Estavam escritas em espanhol, o que sugeria que o avião fora reabastecido algures a sul da fronteira. Ao rodar as garrafas na mão, Kurt viu a morada do engarrafador, acenou afirmativamente com a cabeça para si mesmo e fechou o frigorífico.

Voltou para o assento, abriu ambas as garrafas e passou uma a Rudi. — Já é tempo de falarmos — disse ele. — A julgar pela longa descolagem e pela subida lenta, consigo perceber que devemos estar bem atestados de combustível. Pelo rumo que levamos, posso assumir, com alguma segurança, que não vamos para Oahu ou Los Angeles; e, a avaliar pelas rugas na sua camisa, assumo que tenha estado neste avião durante um tempo considerável. Veio apenas para me buscar e para me levar, suspeito. Assim sendo, para onde vamos? Para algures na América do Sul?

Rudi estava a despejar a *Coca-Cola* num copo, enquanto Kurt falava. — América do Sul? — perguntou ele. — É esse o seu palpito?

— Sim.

— Trata-se de um local muito vasto — continuou Rudi, com um sorriso irónico. — Será que não se importava de ser mais específico?

Kurt fez um som vocal, como se estivesse a pensar profundamente acerca do assunto, embora já soubesse o que iria dizer. — Equador.

Gunn elevou as sobrancelhas.

— Guaiaquil — acrescentou Kurt —, para ser mais preciso.

Gunn parecia verdadeiramente chocado. — Com o devido respeito pelo grande Johnny Carson, Carnac não o ultrapassa em nada³.

— Não me parece — ripostou Kurt, a sorrir e a apontar para a garrafa

³ Referência a Carnac, o Magnífico, uma personagem com dons divinatórios representada por Johnny Carson em *The Tonight Show*. (N. do T.)

de *Coca-Cola*. — Estes recipientes foram engarrafados em Quito, mas esta é uma cidade interior. O maior porto do Equador é em Guaiquil, e nós tendemos a trabalhar junto ao mar.

— Hum... — disse Gunn. — Não sei se deveria estar mais impressionado, ou menos.

Um telefone encarnado começou a tocar ao lado do assento de Gunn. Ele levantou o auscultador e limitou-se a ouvir, por momentos. — Estamos prontos — disse ele. — Já os pode pôr a falar.

— Se não vai dar qualquer informação, quem é que vai?

— Um colega da Agência Nacional de Segurança.

— Quererá isso dizer que estou agora a trabalhar para a ANS? — inquiriu Kurt. Já fora emprestado antes a outras organizações.

— Não é o único — respondeu Gunn. — Qualquer navio da NUMA e membro de equipa num raio de cinco mil milhas.

Kurt franziu o sobrolho. Só poderia haver uma razão para isso. — Perderam qualquer coisa...

Gunn não o confirmou nem negou. — Irei deixá-los explicar.

Um monitor de ecrã plano, na parede do tabique, ganhou vida. Mostrava uma sala de reuniões algures, com dois homens sentados a uma secretária. O primeiro era um oficial da Força Aérea, com imensas condecorações no casaco azul. O segundo tinha camisa e gravata.

O homem de gravata falou primeiro. — Boa tarde — começou ele. — O meu nome é Steve Gowdy. Sou o diretor de projetos ExAT para a Agência Nacional de Segurança.

— ExAt? — perguntou Kurt.

— Extra-atmosféricos — respondeu Gowdy. — Basicamente, tudo o que tenha lugar na estratosfera, incluindo o nosso satélite e efetuar manobras de veículos de projetos.

Kurt assentiu com a cabeça, para indicar que tinha percebido, e Gowdy debruçou-se mais para a câmara, como um repórter de televisão durante as notícias da noite. — Antes de começar, tem de se consciencializar de que este projeto é da maior importância, que a informação está compartimentada, é confidencial e de acesso altamente restrito.

Kurt já ouvira esse tipo de discurso antes. — Há muito poucas coisas na ANS que não o sejam. Mas estou a perceber.

Gunn sorriu com uma certa ironia, mas Gowdy não pareceu ter percebido a piada.

— O nosso projeto descarrilou no último momento — continuou

Gowdy. — Uma aeronave experimental, durante um perfil de entrada no Pacífico Sul.

Kurt tinha algum conhecimento das operações espaciais da ANS. — O X-37... — disse ele, referindo-se à bem conhecida aeronave da ANS, que fora lançada num foguetão e voltara à Terra, planando na sua descida de um modo semelhante ao do vaivém espacial.

— Não — corrigiu Gowdy. — Trata-se de um veículo a que chamamos *Nighthawk*. A sua designação oficial é *VXA-01*. É o primeiro do seu género. De certo modo, o *X-37B* era um protótipo, uma incubadora para desenvolver novas tecnologias. Este novo aparelho é duas vezes maior do que o *X-37* e tem muito mais capacidades.

— Estou impressionado — disse Kurt. — Nunca ouvi falar nele. Nem a mais pequena referência.

— Fizemos o nosso trabalho mantendo tudo em segredo — admitiu Gowdy. — Ao fazermos voar o *X-37*, sob circunstâncias misteriosas, conseguimos captar a atenção do público e dar-lhe algo que lhe alimentasse as suspeitas. Entretanto, construímos o *Nighthawk* e tivemos-lo no espaço durante mais de três anos. Infelizmente, saiu da rota aquando da reentrada e deixou de responder aos comandos.

— Nesse caso... será que estamos preocupados em perder essa tecnologia de «dobra espacial»⁴ para os Klingons? — perguntou Kurt.

Gowdy ficou sentado num silêncio profundo, antes de responder. — Esse aparelho não tem dobras espaciais — afirmou Gowdy, com um certo humor. — No entanto, o *Nighthawk* é a aeronave mais avançada alguma vez concebida. Foi construída com materiais e tecnologia que está duas gerações à frente de qualquer coisa que as agências espaciais europeias, chinesas ou russas possam estar a usar. Trata-se de uma aeronave revolucionária. Digo *aeronave* porque se parece com um avião, mas não se engane: é uma nave espacial, capaz de manobrar em órbita, de agir autonomamente e de completar missões que o vaivém nunca sequer sonhou executar. E, se bem que não tenha uma *dobra espacial*, possui um revolucionário *sistema de propulsão por iões* que poderia ser usado para viagens entre a Lua e a Terra, e cortar para metade o tempo das nossas deslocações a Marte.

Kurt acenou afirmativamente com a cabeça. — E quer que a vamos procurar.

— Vocês serão parte de uma equipa responsável por um setor específico

⁴ Propulsão mais rápida do que a luz, usada pelas naves espaciais em *Star Trek*. (N. do T.)

na zona de busca. Ativos navais de Pearl e San Diego estarão a trabalhar por perto.

À medida que Gowdy ia falando, Rudi Gunn abriu uma pasta, retirou dela um dossiê e passou-o a Kurt.

Usando a borda da palma da mão, Kurt quebrou o selo impresso. Lá dentro, encontrou informação acerca do *Nighthawk*: dados da trajetória, sequência temporal e mapa.

— Como podem ver — continuou Gowdy —, perdemos-lhe o rasto a meio caminho entre a Polinésia Francesa e a linha de costa da América do Sul. Com base nos últimos dados de telemetria, velocidade do veículo e altitude, acreditamos que deveria ter descido algures a leste das Ilhas Galápagos.

Kurt estudou uma fotografia de satélite, com linhas vermelhas por cima. Essas linhas mostravam um cone de probabilidade que se alargava mesmo a leste das Ilhas Galápagos. Estendia-se e alargava-se num V, deitado de lado, em direção ao Equador e ao Peru. Uma escala sugeria as probabilidades calculadas de o *Nighthawk* ter vindo para Terra em qualquer secção em particular.

— Tem um sinal de emergência? — perguntou Kurt, ainda a estudar o mapa.

— Tem — respondeu Gowdy —, no entanto não estamos a receber qualquer sinal.

— Nesse caso, estaremos à procura de destroços — concluiu Kurt.

— Não — afirmou Gowdy, com ênfase.

Kurt levantou os olhos.

— Temos razão para acreditar que o *Nighthawk* conseguiu aterrar intacto — esclareceu Gowdy.

Este continuou a explicar o sistema de autoaterragem e como os processadores internos se encarregariam dos controlos de voo, logo que as ordens vindas da base em Vandenberg fossem interrompidas. Mencionou a palavra *confiança* pelo menos três vezes, mas nunca apresentou um motivo capaz de justificar por que razão o sistema de autoaterragem deveria continuar a trabalhar, quando tantos outros sistemas a bordo tinham falhado.

Kurt, no entanto, fechou os olhos a essa questão. — De que recursos dispomos para esse trabalho?

Nesse momento, Gunn encarregou-se da conversa. — Tudo a que poderíamos recorrer — disse ele. — A NUMA tem três navios na área. Um que rumá

para norte, desde a costa chilena, e dois que vêm desde o golfo do México através do canal do Panamá.

Passaram a Kurt outra folha de papel. Uma que listava os vários navios.

— Paul e Gamay Trout já se encontram no *Catalina* — informou Gunn, referindo-se a dois dos membros mais confiáveis da equipa de Projetos Especiais da NUMA. — Estavam junto da costa do Chile a fazer um estudo ecológico. Estarão nas imediações dentro de quinze horas.

— Isso é ótimo — observou Kurt.

Rudi assentiu com a cabeça. — O *Jonestown* e o *Condor* irão atravessar o canal e chegar trinta e seis horas depois.

— Trinta e seis horas parece-me um pouco otimista — opinou Kurt, olhando para a posição relativa dos navios. — Estamos a falar de um tempo de navegação de trinta horas, e o canal parece uma autoestrada em hora de ponta nesta altura do ano. Os navios chegam a esperar dois dias para o atravessar.

— Estão a arranjar um passe que lhes dá prioridade — informou Rudi. — Dado que a NUMA evitou a destruição do canal há alguns anos, temos tido um tratamento de cinco estrelas cada vez que por lá passamos.

— Ah — retorquiu Kurt, lembrando-se de ouvir Dick Pitt a falar acerca dessa operação. O facto de o diretor da NUMA ter estado envolvido diretamente para evitar essa destruição acabou por trazer dividendos a todos eles.

Gowdy voltou a entrar na conversa. — A NUMA ficará encarregada das áreas de patrulha a sul e a leste. Dentro de três dias, uma frota de recuperação de bens afundados do 131.º Esquadrão de Recuperação da Marinha chegará, vinda de San Diego, para investigar a metade ocidental da zona alvo, enquanto navios adicionais da Frota do Pacífico cobrirão a margem ocidental dessa mesma área.

Kurt estava a olhar para a lista de navios. Além de dois navios auxiliares, vindos de San Diego, eram todos navios de guerra, contratorpedeiros e fragatas. — Para quê tanto poder de ataque?

— Trata-se de uma consequência não-intencional da logística — afirmou Gowdy. — Esta secção do Pacífico fica longe de tudo. A quatro mil e quinhentas milhas de Pearl. A duas mil e noventa milhas de San Diego. Estes eram os navios mais à mão e os mais rápidos para descobrirem alvos submersos. Navios adicionais de recuperação de bens afundados já vão a caminho, mas não conseguem acompanhar os outros e estão a ficar para trás. Além destes, as aeronaves *P-3 Orion* e *P-8A* estão a percorrer a zona

de busca, a atirar boias com sonares, e outras unidades autónomas, para ajudar nas buscas.

Havia uma certa lógica em tudo isso, mas sugeria pânico. — Trata-se de uma grande frota — disse Kurt. — Acreditam que será a melhor maneira de fazer isto?

— Como assim?

Kurt fechou o dossiê e recostou-se melhor na cadeira. — Terei de assumir que vocês quererão manter isto em segredo. Uma dezena de navios americanos e um enxame de aviões em volta das Ilhas Galápagos poderá ser demasiado revelador. As tartarugas poderão pensar que estamos a invadir.

Gowdy assentiu com a cabeça, apreciativamente.

Kurt fez uma sugestão: — Poderemos sempre publicar uma história dizendo que a NUMA está a fazer um estudo ecológico. Se isso chegar à imprensa, ninguém irá pensar duas vezes acerca de mais alguns navios de pesquisa a deslocarem-se para essa zona. Uma vez lá, poderíamos pôr em ação os helicópteros e os navios de investigação que nos apetece. Tudo isso, sem chamarmos a atenção para o que estivéssemos a fazer.

— Não é uma má ideia — disse Gowdy. — Só que pensamos que os serviços de informação chineses e russos já estão ao corrente. Horas depois de o *Nighthawk* ter desaparecido, reparámos em mudanças de rumo de muitos navios que pertenciam a esses dois países. Estamos a tentar identificá-los. Creio que podem deduzir para onde é que eles se dirigem.

— Para as Ilhas Galápagos — disse Kurt.

— Exatamente — retorquiu Gowdy. — Mesmo para o centro da nossa área de buscas.

Isso sugeria outras complicações. — Acha que eles irão interferir?

Gowdy encolheu os ombros. — Já desisti de tentar prever o que os nossos amigos chineses e russos irão fazer. O meu trabalho é impedir que o façam. Mas depois de toda a confusão na Ucrânia e de todos os problemas no mar da China Meridional, já nada me admiraria. E, logo que vocês se deem conta de como eles querem desesperadamente o que temos, chegarão à mesma conclusão. De acordo com os nossos estudos, os russos estão tão atrasados na sua tecnologia que se arriscam a ser ultrapassados. Os chineses estão um pouco melhor, porque têm com eles um exército de engenheiros e mais espões do que nunca. No entanto, operam ainda sem grande habilidade e estão provavelmente uma década inteira atrás das nossas últimas conceções. Juntem a tudo isto o facto de que ambos os países preferem recuperar o atraso roubando o que nós temos, do que

implementarem as suas próprias ideias, e podem imaginar quão ansiosos estarão.

Kurt percebia muito bem esse conceito. Espiar e roubar fora sempre uma grande parte dos esforços de pesquisa russos e chineses. — Há uma boa razão para que o vaivém espacial russo *Buran* se pareça exatamente com o que nós concebemos. Uma razão para que o seu bombardeiro *Blackjack* seja quase idêntico ao *B-1*.

— Pois há — continuou Gowdy. — Até certo ponto, não os posso criticar. Se tivesse no lugar deles, faria o mesmo. Mas nós não estamos no lugar deles e não haverá quaisquer circunstâncias em que eles consigam deitar as mãos a este veículo.

— E se eles o encontrarem primeiro? — perguntou Kurt, pensando se Gowdy estaria a pensar num conflito armado.

— Não haverá *quaisquer circunstâncias* — repetiu ele.

As palavras eram frias e inflexíveis, e Gowdy proferiu-as sem hesitar, mas isso veio levantar uma outra questão.

— Então, por que motivo não o fizeram simplesmente explodir? — perguntou Kurt, afastando o dossiê. — Prevenindo assim qualquer hipótese de eles poderem encontrar mais do que um fragmento do casco?

Gowdy pareceu extremamente chocado.

— Terei de assumir que deveria ter um mecanismo de autodestruição — continuou Kurt. — Por que razão não fizeram explodir todo o mecanismo, evitando assim tudo isto?

— Nós tentámos — tartamudeou Gowdy. — O comando para se autodestruir falhou. Uma verificação posterior dos dados de telemetria mostra uma completa falta de comunicação, mesmo antes de esse comando ter sido iniciado.

— Um jogo de escassos centímetros — acrescentou Rudi Gunn. — Ou de frações de segundo.

Gowdy acenou afirmativamente com a cabeça.

Kurt voltou a focar a sua atenção nesse esforço. — Quantos navios irão os chineses e os russos enviar?

— Contámos nove navios russos, incluindo navios de guerra. Doze navios chineses. Todos eles militares. Incluindo o seu novo porta-aviões.

— Trinta navios de três países diferentes — assinalou Kurt. — Todos eles numa busca desesperada pela mesma coisa numa área bastante restrita. O que poderá não correr bem?

— Tudo ou nada — resmungou Gowdy. Estamos numa corrida contra

o tempo. O perigo vai aumentando a cada dia que esta aeronave continua desaparecida.

Kurt ficou a pensar no tom que Gowdy usara, assim como no silêncio profundo do oficial da Força Aérea, que não proferira uma única palavra.

— Somos os que estamos mais perto — disse Gunn, entrando na conversa. — A NUMA estará nesse teatro de operações alguns dias antes de quaisquer outros. Aposto consigo uma garrafa de tequila *Don Julio* em como a NUMA irá localizar o *Nighthawk* antes de a nossa própria Marinha ou das frotas russa e chinesa.

Gowdy acenou com a cabeça favoravelmente. — Aceito a garrafa e subo a parada: uma caixa de charutos cubanos, se conseguir encontrar uma antes de os nossos adversários chegarem.

Kurt estava a ouvir e a pensar ao mesmo tempo. Com apenas três navios, dois dos quais não iriam aí estar senão pelo menos um dia depois da sua chegada, as hipóteses de sucesso eram escassas. Porém, Kurt passara toda uma vida a arranjar maneira de dar uma volta a semelhantes hipóteses. Ao estudar o mapa, teve de súbito uma ideia, um modo de aumentar as suas probabilidades e de, ao mesmo tempo, dar um golpe nas frotas da Rússia e da China.

Levantou então os olhos, com uma expressão maliciosa no rosto. — Nesse caso é melhor que alguém telefone ao Fidel e lhe peça para começar a apanhar as melhores folhas de tabaco da ilha. Porque se o *Nighthawk* aí estiver, eu irei encontrá-lo. E vou fazê-lo antes mesmo de vermos algumas bandeiras estrangeiras no horizonte.

Gowdy olhou para ele, sem qualquer expressão, talvez considerando que essa gabarolice por parte de Kurt não passaria de uma falsa bravata. Mas este tinha um ás na manga. Um ás e um elefante.